

INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA NAS CIÊNCIAS HUMANAS 2

**Gabriella Rossetti Ferreira
(Organizadora)**



Gabriella Rossetti Ferreira

(Organizadora)

Investigação Científica nas Ciências Humanas 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Karine de Lima
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
l62	Investigação científica nas ciências humanas 2 [recurso eletrônico] / Organizadora Gabriella Rossetti Ferreira. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Investigação Científica nas Ciências Humanas; v. 2) Formato: PDF Requisitos de sistemas: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-392-7 DOI 10.22533/at.ed.927191306 1. Ciências humanas. 2. Investigação científica. 3. Pesquisa social. I. Ferreira, Gabriella Rossetti. II. Série. CDD 300.72
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “Investigação Científica nas Ciências Humanas -Parte 2” traz capítulos com diversos estudos que se completam na tarefa de contribuir, de forma profícua, para o leque de temas que envolvem o campo da educação.

O papel da investigação científica é amplamente debatido em todos os países desenvolvidos e conseqüentemente, faz parte de todas as agendas políticas. Assumamos, pois, a importância da investigação científica que levamos a cabo pela pertinência dos estudos desenvolvidos face de outros, e pelo impacto dos resultados junto da comunidade científica.

No caso da investigação científica em educação, é muito acentuada a relação entre investigação e política ou, se assim se quiser pensar, a dimensão política da investigação. Com efeito, a escolha dos temas reflete as preocupações dos investigadores, seja no aprofundamento de referenciais teóricos, seja na compreensão de problemas educativos e formas de os resolver.

É possível afirmar que sem pesquisa não há ensino. A ausência de pesquisa degrada o ensino a patamares típicos da reprodução imitativa. Entretanto, isto não pode levar ao extremo oposto, do professor que se quer apenas pesquisador, isolando-se no espaço da produção científica. Por vezes, há professores que se afastam do ensino, por estratégia, ou seja, porque do contrário não há tempo para pesquisa. Outros, porém, induzem à formação de uma casta, que passa a ver no ensino algo secundário e menor. Se a pesquisa é a razão do ensino, vale o reverso: o ensino é a razão da pesquisa, se não quisermos alimentar a ciência como prepotência a serviço de interesses particulares.

Transmitir conhecimento deve fazer parte do mesmo ato de pesquisa, seja sob a ótica de dar aulas, seja como socialização do saber, seja como divulgação socialmente relevante. (DEMO, 2001)

Para que se tenha um progresso na qualidade do ensino nos seus diversos níveis é necessário que a pesquisa exerça o papel principal dentro e fora de sala de aula, e que apresente um elo para com a prática pedagógica do docente, promovendo uma formação crítica e reflexiva.

Gabriella Rossetti Ferreira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
FICÇÃO - FERRAMENTA DO PENSAMENTO	
Marcus Fabio Galvão Facine	
DOI 10.22533/at.ed.9271913061	
CAPÍTULO 2	8
CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ESTÍMULOS PARA O SUCESSO NA ALFABETIZAÇÃO	
Isabela Censi	
Gabriella Rossetti Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.9271913062	
CAPÍTULO 3	16
FUNDAMENTOS PEDAGÓGICOS DA EDUCAÇÃO DOMICILIAR NO BRASIL: ANÁLISE DE SITES E BLOGS	
Martha Benevides da Costa	
Rafael Santiago de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.9271913063	
CAPÍTULO 4	28
HARRIET MARTINEAU, ALÉM DE SEU TEMPO	
Vitória Rodrigues Rocha Milioni	
Kevin Gustavo Alves de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.9271913064	
CAPÍTULO 5	39
HISTÓRIA, MEMÓRIA E COTIDIANO NAS CRÔNICAS DE RUBEM BRAGA	
Lucas de Oliveira Cheque	
DOI 10.22533/at.ed.9271913065	
CAPÍTULO 6	50
IDENTIDADE E EDUCAÇÃO: UM ESTUDO SOBRE A PRESENÇA DA CATEGORIA IDENTIDADE NOS TRABALHOS CIENTÍFICOS APRESENTADOS NOS GT'S 03 E 23 DA ANPED NO PERÍODO DE 2003 A 2015	
Breno Alves dos Santos Blundi	
Maria Denise Guedes	
DOI 10.22533/at.ed.9271913066	
CAPÍTULO 7	61
INOVAÇÃO NAS AULAS DE MATEMÁTICA: O USO DE MANGÁS NO ENSINO DE ANÁLISE COMBINATÓRIA	
Luis Felipe Vieira	
DOI 10.22533/at.ed.9271913067	

CAPÍTULO 8	68
LA VALORIZACIÓN DE LOS SABERES DE LA CULTURA DEL BUTIÁ EN SANTA VITÓRIA DO PALMAR (RS), BRASIL	
Bibiana Schiavini Gonçalves Toniazzo Laura Bibiana Boada Bilhalva	
DOI 10.22533/at.ed.9271913068	
CAPÍTULO 9	77
LÉXICO TABU E LA CASA DE PAPEL: OBSERVAÇÕES SOBRE A TRADUÇÃO DO PAR LINGUÍSTICO ESPANHOL-INGLÊS	
Denise Bordin da Silva Antônio Melissa Alves Baffi-Bonvino	
DOI 10.22533/at.ed.9271913069	
CAPÍTULO 10	89
MÃE SOCIAL: UM MODO DE EDUCAR ENTRE A VULNERABILIDADE E O ACOLHIMENTO	
Bruno da Silva Souza Romualdo Dias	
DOI 10.22533/at.ed.92719130610	
CAPÍTULO 11	98
MONITORAMENTO DA GESTÃO ORÇAMENTÁRIA E FINANCEIRA MUNICIPAL SOB A PERSPECTIVA SINDICAL	
Nayla Karoline Demilio Perez Brássica	
DOI 10.22533/at.ed.92719130611	
CAPÍTULO 12	114
NO PRESENTE O PASSADO REVELA-SE MAIS PRESENTE: PRÁTICAS DISCIPLINARES DE CASTIGOS ESCOLARES NAS DÉCADAS DE 1980 E 1990 EM SERRINHA-BA	
Angélica Silva Santos Selma Barros Daltro de Castro Ivonete Barreto Amorim Solange Mary Moreira Santos	
DOI 10.22533/at.ed.92719130612	
CAPÍTULO 13	120
NÚCLEO DE PSICOLOGIA ORGANIZACIONAL E DO TRABALHO: CONSTRUINDO PERCEPÇÕES POSSÍVEIS SOBRE A INSERÇÃO DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL NO MUNDO DO TRABALHO	
Sibila Luft Ana Paula Parise Malavolta Clairton Basin Pivoto	
DOI 10.22533/at.ed.92719130613	
CAPÍTULO 14	130
UMA EXPERIÊNCIA DE CURSINHO POPULAR: ENTRE IMPLICAÇÕES E DESLOCAMENTOS	
Leonardo Paes Niero Romualdo Dias André Pereira da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.92719130614	

CAPÍTULO 15	142
PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DA FCT/UNESP: UM OLHAR SOBRE SUA HISTÓRIA E PRODUÇÕES	
Jefferson Martins Costa Vanda Moreira Machado Lima Guilherme dos Santos Claudino	
DOI 10.22533/at.ed.92719130615	
CAPÍTULO 16	153
TERMÔMETRO MUNICIPAL: INDICADORES DE DESEMPENHO ECONÔMICO PARA O MUNICÍPIO DE SANTIAGO/RS	
Kamila Lazzeri Manzoni Francine Minuzzi Gorski Lucas Urach Sudati Lucineide de Fátima Marian Tiago Gorski Lacerda	
DOI 10.22533/at.ed.92719130616	
CAPÍTULO 17	164
O EQUILÍBRIO DE PODER EM “A POLÍTICA DE PODER” DE MARTIN WIGHT: ESTUDO INTRODUTÓRIO SOBRE A ESCOLA INGLESA DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS	
Theo Peixoto Scudellari Rafael Salatini de Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.92719130617	
CAPÍTULO 18	176
ARTE E TECNOLOGIA – APLICAÇÃO DE ARDUINO NA MONTAGEM DE UM MONITOR 3D “CUBE LED” (CUBO DE DIODO EMISSOR DE LUZ)	
Rodolfo Nucci Porsani Luiz Antonio Vasques Hellmeister Augusto Seolin Jurisato	
DOI 10.22533/at.ed.92719130618	
CAPÍTULO 19	188
CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO DOS ESPAÇOS PÚBLICOS NA CIDADE CONTEMPORÂNEA: O CASO DO PARQUE ECOLÓGICO NELSON BUGALHO (PRESIDENTE PRUDENTE – SP)	
Patrícia Cereda de Azevedo Eda Maria Góes	
DOI 10.22533/at.ed.92719130619	
CAPÍTULO 20	200
O LEVIATÃ NO SÉCULO XXI: UM ESTUDO A PARTIR DE HOBBS DO “USA PATRIOT ACT”	
Luís Felipe Mendes Felício	
DOI 10.22533/at.ed.92719130620	
CAPÍTULO 21	211
O RE-APRENDIZADO DE PESSOAS DEFICIENTES VISUAIS A PARTIR DA FASE ADULTA NOS ESPAÇOS SOCIAIS	
Simone Aires da Silva Rúbia Emmel	
DOI 10.22533/at.ed.92719130621	

CAPÍTULO 22 223

O RETORNO DO INTERNAMENTO DOS INDIVÍDUOS DESVIANTES NO BRASIL: UMA ANÁLISE SOBRE A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA POBREZA E DA LOUCURA

Letícia Lafelix Minari

Hélio Rebello Cardoso Júnior

DOI 10.22533/at.ed.92719130622

SOBRE A ORGANIZADORA..... 235

HISTÓRIA, MEMÓRIA E COTIDIANO NAS CRÔNICAS DE RUBEM BRAGA

Lucas de Oliveira Cheque

Universidade Federal de Goiás, Unidade
Acadêmica Especial de História e Ciências
Sociais

Catalão – Goiás

Artigo produzido a partir de uma bolsa de
Iniciação Científica, com a orientação da Prof.^a

Dra. Regma Maria dos Santos.

RESUMO: O presente artigo pretende analisar o governo Vargas a partir de leituras das crônicas de Rubem Braga. Os objetivos da pesquisa são: aprofundar o conhecimento sobre o estudo interdisciplinar que une jornalismo, história e literatura; compreender qual a percepção deste autor sobre a relação história e cotidiano, que tratam das transformações ocorridas no Brasil no século XX; e compreender de que maneira as crônicas publicadas revelam os preceitos estéticos, políticos e ideológicos do cronista. Para isto, metodologicamente, será levantado os preceitos políticos do autor, os jornais em que suas crônicas foram publicadas e sua relação com seus leitores. Através de suas crônicas – que são uma excelente fonte de pesquisa - é possível percebermos que mesmo a situação do trabalhador melhorando, ainda estava longe do ideal, e que a exploração do trabalho era um acontecimento presente no cotidiano brasileiro, juntamente com a falta de investimentos sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Crônicas. Rubem Braga. Getúlio Vargas.

HISTORY, MEMORY AND DAY-TO-DAY IN THE CHRONICLES OF RUBEM BRAGA

ABSTRACT: The present article intends to analyze the Vargas government from readings of the chronicles of Rubem Braga. The objectives of the research are: to deepen the knowledge about the interdisciplinary study that joins journalism, history and literature; understand the author's perception of the relationship between history and day-to-day life, which deals with the transformations that occurred in Brazil in the 20th century; and understand how the published chronicles reveal the chronicler's aesthetic, political, and ideological precepts. For this, methodologically, will be raised the author's political precepts, the newspapers in which his chronicles were published and his relationship with his readers. Through his chronicles - which are an excellent source of research - it is possible to perceive that even the situation of the worker improving, was still far from ideal, and that the exploitation of labor was an event present in Brazilian daily life, together with the lack of investments social rights.

KEYWORDS: Chronicles. Rubem Braga. Getúlio Vargas.

1 | INTRODUÇÃO

O artigo tem os objetivos de aprofundar o conhecimento sobre o estudo interdisciplinar que une jornalismo, história e literatura; compreender qual a percepção do Rubem Braga sobre a relação história e cotidiano, que tratam das transformações ocorridas no Brasil no século XX; e compreender de que maneira as crônicas publicadas revelam os preceitos estéticos, políticos e ideológicos do cronista; além destes, também temos a intenção de apresentar a importância das crônicas para a reconstrução de períodos passados. Podemos também apreender a situação dos trabalhadores – que foram os principais alvos das reformas políticas do governo Vargas. Naquele momento as reformas estavam entrando em vigor.

Estas análises serão feitas através de leituras das crônicas de Rubem Braga, já que, como a historiadora Sandra Jatahy Pesavento (1997, p.31) pondera, “para o historiador do presente a crônica se oferece como um exercício imaginário para a apreensão das sensibilidades passadas”, assim se torna um material importante para a análise de períodos já passados. Usando a crônica como documento a ser analisado, temos a intenção de aproximar da “gente sem importância” (PESAVENTO, 1997, p.32) e dos eventos que, teoricamente, também não tem importância, fugindo assim da análise dos “grandes” personagens, mas também os incluindo sobre outros pontos de vista.

Para fins metodológicos, foram abordadas as problemáticas levantadas pela historiadora Pesavento (1997, p.35), quando afirma que vários fatores podem influenciar os cronistas, como a sua subjetividade e os seus leitores, o que levaria o autor a escrever aquilo que os agradasse, a fim de continuar no mercado. Roger Chartier (1992, p.236) também nos lembra das formas de controle impostas pelos jornais, que acabam, muitas vezes, exercendo um controle sobre as publicações, até as censurando. Estes pontos serão analisados mais à frente, onde será abordada mais profundamente a metodologia utilizada.

Neste artigo serão analisadas as crônicas *Luto da família Silva* (1935) e *Mais amplas reflexões em torno de Bidu* (1935). Os principais referenciais teóricos utilizados são *O Brasil sem retoque: 1808 – 1964* (2005), do jornalista Carlos Chagas; *A invenção do trabalhismo* (2005), da historiadora Angela de Castro Gomes; e *História do Brasil república: da queda da Monarquia ao fim do Estado Novo* (2016), do historiador Marcos Napolitano. Utilizaremos também outras crônicas e referências no decorrer no texto. O recorte de temporal da pesquisa começa em 1930 e vai até 1937, pois neste período é possível perceber as mudanças que ocorreram no país com o fim da primeira república e o princípio das que ocorreriam com o Estado Novo.

2 | METODOLOGIA

Para fins metodológicos foram levantadas algumas problemáticas, que serão analisadas nesta seção. Assim, foi examinada as ligações políticas de Rubem Braga, afim de que possa ser apreendido seu lugar de fala; uma introdução dos jornais em que ele trabalhou e ainda sua relação com seus leitores, para que as crônicas a serem analisadas possam ser compreendidas mais profundamente. Além disto, também foram lidas de forma crítica as seguintes obras de Braga: *A borboleta amarela* (1956), *O conde e o passarinho e Morro do isolamento* (1961) e *200 crônicas escolhidas* (2013).

É de fundamental importância entender sobre os preceitos políticos na vida do autor, já que assim é possível apreender seu lugar de fala, para entendermos qual o sentido do que escreve e qual as suas intenções.

Devido a visão que muitos dos intelectuais eram comunistas, Braga também foi acusado de ser, chegando a ser preso duas vezes durante o Estado Novo. Em relação a questão de Braga ser ou não comunista, Marco Antonio de Carvalho (2007 apud VERGARA, 2010, p. 7), apresenta a seguinte fala atribuída ao cronista, que deixa clara sua crítica ao comunismo:

A minha tentativa de avermelhamento foi um fracasso. Foi um mau amigo que me arrastou para os mistérios rubros. Deu-me alguns livros, que li. Depois, me deu um jornal. Ah, antes não o fizesse nunca! Achei o jornal bom, gostoso, xingando bastante. Então, outro amigo me deu outro jornal. Xingava o primeiro. Compreendi tudo. Um comunista é um sujeito excelente. Dois comunistas são intoleráveis. (CARVALHO, 2007 apud VERGARA, 2010, p. 7).

Em um artigo sobre Rubem Braga, publicado em 1991 – um ano após a sua morte -, no Jornal do Brasil, o jornalista Fernando Pedreira afirma que Braga militou na Esquerda Democrática, que foi fundada em 1945, sendo um bloco autônomo dentro da UDN (União Democrática Nacional), que concentrava principalmente os perseguidos durante o Estado Novo, sendo que em 1947 deu origem ao PSB (Partido Socialista Brasileiro). O PSB foi proibido de atuar em 1965, devido a ditadura militar brasileira, mas retornou em 1985, e entre os fundadores do novo PSB estava o nome do Rubem Braga. Assim fica claro que Braga tinha ligações com a esquerda, mas também não deixava de criticá-la se necessário. O jornalista Carlos Ribeiro, em entrevista com Daniele da Rubem (2013, s/p) chega a afirmar que Braga “não hesitava em bater tanto à direita como à esquerda do espectro político”.

Como este artigo irá analisar crônicas produzidas somente em Recife, serão brevemente analisados os jornais que Carlos de Andrade (1994, p.28) apresenta que Braga trabalhou na capital pernambucana, que são: o *Diário de Pernambuco* e *Folha do Povo*.

Diferentemente de diversos jornais em circulação em Pernambuco, a *Folha do Povo* não surgiu como um jornal ligado ao PCB (Partido Comunista Brasileiro). O

periódico “foi fundado em 10 de julho de 1935 por Osório de Lima e José Cavalcanti. Eles eram simpatizantes da Aliança Nacional Libertadora” (LIRA, 2007, p.4). A ANL (Aliança Nacional Libertadora) surgiu como um movimento contrário ao integralismo, que era um movimento de caráter fascista. É possível ver o desagrado de Braga ao movimento fascista na *Dedicatória* do livro *O conde e o passarinho* (1961):

[...] como andamos em tempos de guerra quero fazer uma dedicatória contra. E comece por Hitler, mas não fique nesse grande cão escandaloso nem nos que latem e mordem sua banda. Atinja, aqui e ali, todos os que, no claro ou no escuro, trabalham mesquinamente contra o amanhã [...] (BRAGA, 1961, p.127).

Devido ao caráter social do jornal, ele foi perseguido o que gerou ameaças, prisões e perseguições. Sendo um jornal de características comunista, sua circulação era feita de maneira pequena e a repressão sobre esses periódicos era alta (LIRA, 2007, p.5).

O *Diário de Pernambuco* já era mais economicamente capacitado. O periódico, por ter ligações com a Primeira República, era, inicialmente contra a Aliança Liberal (AL) - foi a responsável por lançar a candidatura de Getúlio Vargas e pela Revolução de 30 -, mas depois o seu editorial passou a apoiá-la (ABREU JÚNIOR, FERREIRA E BEZERRA, s/d, p.4). Já Braga era contra a AL, assim ele nunca chegou a defender a candidatura de Vargas, muito pelo contrário, no final da crônica *Revolução de 30* (1953) ele escreve que: “Na redação do Correio do Sul – eu soube depois – alguns revolucionários mais exaltados foram me procurar aquele dia para que eu prestasse contas por alguns artigos violentos que escrevera contra a Aliança Liberal...” (BRAGA, 2013, p.293).

Em 1931, o periódico foi vendido aos Diários Associados, propriedade de Francisco de Assis Chateaubriand. A partir de então, aumentaram-se o número de páginas do jornal, o material informativo e foi adotada a reforma ortográfica, e o periódico passou a criticar os rumos da revolução, principalmente Carlos de Lima Cavalcanti (ABREU JÚNIOR, FERREIRA E BEZERRA, s/d, p.4). A partir de 1930, o jornal começou a ser alvo de censura e repressão. Contudo, o *Diário de Pernambuco* chegou mesmo a apoiar o Movimento Constitucionalista de 1932 - ele foi organizado pela elite cafeeira de São Paulo, que visava recuperar o protagonismo econômico do Estado, que foi perdido quando Getúlio Vargas assumiu a presidência, já que o então presidente parou de subsidiar estes grandes produtores - e o integralismo.

A circulação do *Diário de Pernambuco* chegava a ser de 10 mil exemplares, números bem inferiores aos periódicos do Rio de Janeiro e de São Paulo (LEITE, 2006 apud. LIRA, 2007, p.7). Sobre a *Folha do Povo* não é possível estabelecer um número de exemplares, já que existem poucas informações sobre o periódico. Lira (2007, p.4), escreve que Braga trocou o seu trabalho de repórter no *Diário de Pernambuco* para ser chefe de reportagem da *Folha do Povo*, ou seja, o caráter editorial do jornal levou Braga a trocar o seu local de trabalho por outro, em que ele receberia menos.

A questão de ser pago para escrever e a falta de assunto, que são assuntos recorrentes em pesquisas de periódicos, Braga assume que “sofria” de ambos, como na crônica *Os mortos de Manaus* (1934), por exemplo, onde no final da crônica ele escreve o que um dos mortos lhe disse:

Pobre indivíduo, nós aqui te estamos a servir de assunto, e nós o sabemos. À nossa custa escreves uma coisa qualquer e ganhas em troca uma cédula. Talvez a nossa lembrança te atormente um pouco, mas sairás para a rua com esta cédula, e com ela te comprarás cigarros ou chopes, com ela te movimentarás na tua cidade, na tua mesquinha vida de todo dia. E o rumor dessa vida, e o mofino prazer que à nossa custa podes comprar te ajudará a esquecer a nossa ridícula morte! (BRAGA, 2013, p.50-51).

A historiadora Sandra Pesavento (1997, p.35), lembra da relação entre os cronistas e seus leitores, onde ela diz que muitas vezes o cronista capta o que o leitor quer e escreve sobre isso, para se manter no mercado, mas ela também afirma que a leitura não é uma ação passiva, sendo que muitas vezes os leitores acabam discordando sobre o que está escrito. Roger Chartier (1992, p.213), diz que diferentes leitores podem ter interpretações diversas de um mesmo texto, assim “ler é uma prática criativa que inventa significados e conteúdos singulares, não redutíveis às intenções dos autores dos textos ou dos produtores dos livros. Ler é uma resposta, um trabalho” (CHARTIER, 1992, p.214). A fim de entender melhor essa relação entre Rubem Braga e seus leitores, será feito aqui – de maneira breve -, a apresentação de trechos de crônicas onde o cronista se comunica com o leitor – ou um leitor fictício.

Na crônica *Ao respeitável público* (1934), a escrita de Rubem é bem ácida. Ele inicia dizendo que não tem assunto, e depois passa a reclamar de algumas “questões menores”. A partir do terceiro parágrafo ele começa a se comunicar diretamente com os leitores e leitoras, dizendo que: “Portanto, meu distinto leitor, portanto, minha encantadora leitora, queiram ter a fineza de retirar os olhos desta coluna” (BRAGA, 1961, p.23), nesse primeiro trecho ele ainda trata respeitosamente os leitores, porém continua:

Não leiam mais. Fiquem sabendo que eu secretamente os odeio a todos; que vocês todos são pessoas aborrecidas e irritantes; que eu desejo sinceramente que todos tenham um péssimo carnaval, uma horrível quaresma, um infelicíssimo ano em 1934, uma vida tãda atrapalhada, uma morte estúpida. (BRAGA, 1961, p.23).

A crônica segue com esse tom. Ela é encerrada assim:

Amanhã eu posso voltar bonzinho, manso, jeitoso; posso falar bem de todo mundo, até do governo, até da polícia. Saibam desde já que eu farei isto porque sou cretino por profissão; mas que com tãdas as fôrças da alma eu desejo que vocês todos morram de erisipela ou peste bubônica. Até amanhã. Passem mal. (BRAGA, 1961, p.25).

A partir de 1946, o diálogo com os leitores fica mais frequente nas crônicas que tem sequência. Em *História do Corrupção* (1946), no terceiro capítulo, Braga diz que: “Pedem-me para acabar de contar a história do corrupção, mas jamais o farei” (BRAGA, 2013, p.93). Em outro trecho, agora em *História do Caminhão* (1946), segundo capítulo, o cronista escreve que “Aqui, para tristeza do leitor, encerro esta magnífica história, e se pensam que vou contar outra, muito se enganam, pois agora tenho mais o que fazer – e o tempo já me é pouco para fazer o Bem” (BRAGA, 2013, p.101). Nestes trechos é interessante notar o envolvimento direto entre o leitor e a produção das crônicas.

É perceptível que o Braga sabia do interesse dos seus leitores, e que nem sempre ele deseja atendê-los. Além das crônicas já apresentadas, em *Biribuva* (1948), o cronista conta a história de um gato que seus amigos adotaram, e no final escreve: “Querem que eu fale mal do governo ou bem das mulheres, como tenho costume. Entretanto, olho para a Condessinha de Biribuva, que está ali agora a coçar a orelha com a pata esquerda, e penso no seu destino humilde.” (BRAGA, 2013, p.152).

Essa relação entre o cronista e seus leitores é muito interessante, já que, segundo a historiadora Regma Santos (2013, p.37), a crônica se torna “um texto privilegiado, porque a interferência do leitor, por meio do diálogo, torna a crônica aberta a continuidade e, portanto, documento raro para o historiador que se ocupa do cotidiano”.

3 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

A seguir, serão analisadas as crônicas selecionadas, inicialmente apresentando seus conteúdos, e depois realizando as discussões utilizando o referencial teórico já apresentado.

Na crônica *Luto da Família Silva* (1935), Rubem inicia escrevendo sobre uma notícia que estava na seção de *Fatos Diversos* do *Diário de Pernambuco*, que informava a morte de um homem por hemoptise, e seu nome era João da Silva. O cronista continua dizendo:

João da Silva – Neste momento em que seu corpo vai baixar à vala comum, nós, seus amigos e seus irmãos, vimos lhe prestar esta homenagem. Nós somos os joões da silva. Nós somos os populares joões da silva. Moramos em várias casas e em várias cidades. Moramos principalmente na rua. Nós pertencemos, como você, à família Silva. Não é uma família ilustre; nós não temos avós na história. Muito de nós usamos outros nomes, para disfarce. No fundo, somos os Silva (...) Algumas pessoas importantes usaram e usam nosso nome. É por engano. Os Silva somos nós. Não temos a mínima importância. Trabalhamos, andamos pelas ruas e morremos. Saímos da vala comum da vida para o mesmo local da morte. (BRAGA, 2013, p.32).

Além do que está propriamente escrito, é interessante notar a inserção do cronista nesta família, para, possivelmente, gerar uma aproximação com os leitores, principalmente por ser de uma família reconhecida em Cachoeiro de Itapemirim –

cidade em que nasceu -, onde seu pai foi o primeiro intendente (atualmente posição conhecida como prefeito), apelidado de coronel Braga. A crônica é continuada neste mesmo tom, onde Braga escreve sobre a importância da família Silva e, ao mesmo tempo, o fato de ela ser ignorada da história.

Na crônica *Mais amplas reflexões em torno de Bidu* (1935), Braga escreve sobre um “barulhinho” que sua crônica, *Reflexões em torno de Bidu* (1935), publicada no *Diário de Pernambuco* gerou. O cronista também escreve que um trecho de sua crônica foi citado em um discurso para os estudantes no teatro Santa Isabel, trecho este que dizia que a arte é “um odioso privilégio de classe” (BRAGA, 1964, p.117). Para tentar resolver este problema, um cronista, “Z”, que trabalhava com Braga no *Diário de Pernambuco*, propõe que seja colocado um microfone no teatro, para que quem não tenha condições de entrar no teatro Santa Isabel, para assistir à apresentação de Bidu, possa pelo menos escutar de fora. Sobre a sugestão, Braga escreve que: “Mesmo para instalar o microfone no Santa Isabel já seria necessária uma espécie de revolução... Mais exatamente, seriam necessários dinheiro e boa vontade, duas coisas que não se gastam facilmente em benefício do povo.” (BRAGA, 1961, p.119).

No decorrer da crônica, Braga escreve sobre a exclusão do povo ao acesso a arte:

Homens e mulheres que trabalham como cães, sujeitos, inermes, a tôdas as explorações e opressões, vivendo na ignorância, na fome, na doença – que arte há para eles? Desde que nasceram, seus instintos de arte foram negados, massacrados pela vida – foram pisados na lama. Presos à miséria econômica, êles, se tivessem tempo e dinheiro, não teriam mais gôsto para as finas manifestações de arte.” (BRAGA, 1961, p.120).

Braga também afirma que “Essa incapacidade econômica força a incapacidade mental” (BRAGA, 1961, p.121).

Nas crônicas acima fica clara a crítica de Braga à exploração do trabalho e ao baixo investimento nas questões sociais. É importante ressaltar que estas não são as únicas com estes temas, aparecendo também em: *Animais sem proteção* (1934), *Odabeb* (1951), *A moça* (1952), entre muitas outras.

A questão do trabalho com o governo Vargas sempre se funde, seja por meio de manipulação ou fazendo o jogo do pacto social com o Estado. No entanto, não se pode negar que também foram aprovadas diversas leis em benefício dos trabalhadores. Para tentar entender essa relação, serão analisados principalmente as políticas para os sindicatos da época. Antes de mais nada, é importante lembrar que “inexistiam os mais elementares direitos sociais” (CHAGAS, 2005, p.342) antes da Revolução de 1930.

Sobre a Revolução, Napolitano (2016, p.95) diz que “Os ‘revolucionários’ de 1930, no fundo, queriam apenas uma reforma política e não uma revolução social”. Já Chagas (2005) diz que não foram possíveis reformas imediatas, pois aqueles

que conquistaram o poder, temiam ter que enfrentar as tentativas de restaurações a situação anterior.

Nos momentos iniciais do pós-Revolução, Gomes (2005, p.163) escreve que o período

Caracterizou-se por uma grande violência em relação ao movimento sindical. O fato é lembrado por vários depoentes que ressaltam o impacto destas primeiras medidas, uma vez que os trabalhadores tinham sido sensibilizados pela campanha da Aliança Liberal e estavam na expectativa de tempos melhores. A chegada de Getúlio Vargas ao Rio e sua posse como chefe do Governo Provisório iriam alterar em parte a situação. Diversos sindicatos que haviam sido fechados foram autorizados a reabrir suas portas, e ainda em novembro de 1930 foi criado o Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio. (GOMES, 2005, p. 163).

A relação entre os sindicatos e o Estado é um tanto complexa. Muitos dos movimentos revolucionários, como o anarquismo ou comunismo, por exemplo, que ameaçavam a nova ordem estavam presentes dentro destes sindicatos, aí as tentativas de censura e controle dos mesmos (GOMES, 2005, p.164). A partir de 1931, entra em vigor as novas normas de sindicalização, que proibiam as propagandas políticas e religiosas dentro dos sindicatos, e mesmo a sindicalização sendo optativa, ela se tornou compulsória, pois apenas aqueles que estavam associados gozariam das novas leis sociais (GOMES, 2005, p.167). E ainda era obrigatória a presença de um representante do Ministério do Trabalho nas assembleias gerais dos sindicatos (CHAGAS, 2005, p.342). Assim o governo conseguia, em teoria, controlar os líderes sindicais e os trabalhadores a eles associados.

As leis trabalhistas foram promulgadas durante o período de administração de Salgado Filho no Ministério do Trabalho. Estas regulavam as condições do trabalho (férias, trabalho feminino e de menores, horários), compensação sociais de quem participava da produção (extensão do benefício de aposentadorias e pensões), e dos mecanismos institucionais para a resolução de conflitos no trabalho (Comissões e Juntas de Conciliação, Convenções Coletivas de Trabalho) (GOMES, 2005, p.164). Chagas (2005, 357) ainda lembra que no período também foi regulado que as mulheres não poderiam trabalhar um mês antes e um mês depois do parto. Assim,

Trata-se de um período-chave, no qual o Estado assumiu a primazia incontestável do processo de elaboração da legislação social, tentando através dela desenvolver uma série de contatos com 'empregados' e 'empregadores'. Seu objetivo era ajustar os interesses em confronto, fazendo-os participar da dinâmica do ministério. (GOMES, 2005, p.164).

O motivo dessas reformas trabalhistas é, segundo Jorge Ferreira (1990, p.180), a tentativa do novo governo de conseguir uma legitimação entre o povo, já que ele foi construído através de um golpe. Além disso, elas podem representar também um controle das massas trabalhadores, já que, como já foi abordado acima, só iriam

usufruir desta nova legislação aqueles ligados aos sindicatos, e com a instituição das carteiras de trabalho, esse controle ficou ainda mais eficaz (GOMES, 2005, p.167). Desta forma, ficou difícil para os sindicatos autônomos impor alguma resistência, sendo que muitos deles decidiram aderir as normas do governo a fim de garantir os benefícios para os trabalhadores.

É importante ressaltar que, mesmo as vezes parecendo inertes a situação, os sindicatos e os trabalhadores não desistiram de lutar e resistir politicamente (GOMES, 2005, p.180), e nem apresentavam conformismo, resignação ou passividade (FERREIRA, 1990, p.7). Mesmo essas leis melhorando a situação dos operários, Napolitano (2016, p.106-107), lembra que a condição “do trabalhador rural no Brasil continuava dramática. Para ele não havia perspectiva de uma reforma agrária, ainda que moderada, ou de assistência social mínima que melhorassem seu nível de vida”.

Mesmo com as diversas leis que beneficiaram o trabalhador, é evidente as formas de controle que estavam sendo impostas pelo Estado. Apesar dos direitos conquistados, a situação do trabalhador estava longe de ser a ideal, o que é relatado tanto por Braga como por Chagas (2005), Gomes (2005) e Napolitano (2016). As crônicas de Braga são importantes para o entendimento do período, e para a desconstrução da chamada Era Vargas, que mesmo beneficiando os trabalhadores também foi muito autoritária, o que é confirmado com a instituição do Estado Novo, quando ficou previsto por lei “a pena de morte, o fim da autonomia administrativa federativa e a eleição indireta com mandato de seis anos” (NAPOLITANO, 2016, p.115), além de suspender “as garantias constitucionais aos cidadãos, já escassas” (NAPOLITANO, 2016, p.115).

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

As crônicas são um importante documento para a análise de períodos já passados, ainda mais quando se tem a intenção de rever o cotidiano do povo, tema que ficou muito presente entre os pesquisadores com a Nova História Cultural. Mesmo os desafios de se trabalhar com elas sendo muito grandes, como a subjetividade do autor, os locais em que ele publicava, seus leitores, entre outros fatores que podem influenciar sua escrita e as vezes sendo estes desafios demasiados complexos, as recompensas são altas, já que através delas é possível uma melhor compreensão do período a ser estudado.

As crônicas de Braga são um documento muito importante para quem deseja estudar a Era Vargas, já que através delas é possível apreendermos sobre os acontecimentos “fúteis”, que são excluídos dos livros de história, mas que tem um peso muito grande no entendimento do período. Através de suas crônicas é possível percebermos que mesmo a situação do trabalhador melhorando, ainda estava longe do ideal, e que a exploração do trabalho era um acontecimento presente no cotidiano brasileiro, juntamente com a falta de investimentos sociais. Esta pesquisa ajuda no entendimento das mudanças ocasionadas com a Revolução de 30 e a chegada do

Vargas no poder, isto principalmente com as crônicas de Rubem Braga, mas não tem a intenção de simplificar os acontecimentos da época e nem de generalizá-los, sendo que mesmo estando satisfeito com o resultado, é importante seguir os trabalhos com as crônicas em outros períodos da história – ou até no mesmo.

REFERÊNCIAS

ABREU JÚNIOR, João Batista de; FERREIRA, Marieta de Moraes; BEZERRA, Ricardo. Lima. **Diário de Pernambuco**. S/l: s/d. Disponível em:

<<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/diario-de-pernambuco>>. Acesso em: 23 mai. 2018.

ANDRADE, Carlos Drummond (Org.). **Elenco de cronistas modernos**. – 13ª ed. - Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

BRAGA, Rubem. **A borboleta amarela**. – 2ª ed. – Rio de Janeiro: José Olympio, 1956.

_____. **O conde e o passarinho e Morro do isolamento**. Rio de Janeiro: Editôra do Autor, 1961.

_____. **200 crônicas escolhidas**. – 35ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2013.

CHARTIER, Roger. Textos, impressão, leitura. In: HUNT, Lyn (Org). **A nova história cultural**. Trad. Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p.211-238.

CHAGAS, Carlos. **O Brasil sem retoque: 1808 – 1964: a História contada por jornais e jornalistas**. – 2º ed. vol. 1. – Rio de Janeiro: Record, 2005.

FERREIRA, Jorge. A cultura política dos trabalhadores no primeiro governo Vargas. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro: v.3, n.6, p.180-195, 1990.

GOMES, Angela. **A invenção do trabalhismo**. – 3ª ed. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

LIRA, Ana. Folha do Povo: A Voz Popular no Jornalismo Diário Recifense (1935 – 1960). In: CONGRESSO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 5, 2007, São Paulo. **Anais**. São Paulo: 2007.

Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/5o-encontro-2007-1/Folha%20do%20Povo%20A%20Voz%20Popular%20no%20Jornalismo%20Diario%20Recifense%20-1935%202013%201960.pdf>>. Acesso em: 16 mai. 2018.

NAPOLITANO, Marcos. **História do Brasil república: da queda da Monarquia ao fim do Estado Novo**. São Paulo: Contexto, 2016.

PESAVENTO, Sandra. Crônica: a leitura sensível do tempo. **Anos 90**, Porto Alegre: v. 5, n. 7, p. 29-37, 1997.

RUBEM, Daniele. **O lado combativo de Rubem Braga**. 2013. Disponível em: <<https://jornalggn.com.br/blog/luisnassif/o-lado-combativo-de-rubem-braga>> Acesso em 30 mai. 2018.

SANTOS, Regma Maria dos. A presença do leitor na crônica jornalística: leituras das crônicas de Lycídio Paes e Rachel de Queiroz. In: PERES, Selma (org.). **Leitura: histórias e práticas**. Goiânia: Cênone Editorial, 2013, p. 27-38.

VERGARA, Anelize. O homem da rua: Rubem Braga e a Revista Diretrizes. In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA: HISTÓRIA E LIBERDADE, 20, 2010, Franca. **Anais**. Franca: UNESP, 2010. Disponível em: <<http://www.anpuhsp.org.br/sp/downloads/CD%20XX%20Encontro/PDF/>>

Pain%E9is/Anelize%20Vergara.pdf>. Acesso em: 03 mai. 2018.

VIVA o Braga. **Jornal do Brasil (RJ)**. 1991, p.12. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/030015_11/24092>. Acesso em: 16 mai. 2018.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-392-7

